

Memória

Roni Rigon
roni.rigon@jornalpioneiro.com.br
☎ 218.1216

Juventus tricampeão

Faz 50 anos que o Sport Clube Juventus conquistou o tricampeonato varzeano de Caxias do Sul. A decisão, entre as equipes do Az de Ouro e Juventus, ocorreu no Estádio Alfredo Jaconi.

O Juventus obteve o título inédito com a seguinte formação: Valter, Primo, Rech, Rui, Euclides, Valdir, Edino, Silvano, Italo Dartora, que desempenhava as

funções de presidente do clube e treinador dos jogadores (em pé, Arlindo, Zatir, Fachin, Ita, Remi, Amaral e Elídio (agachados).

Essa agremiação esportiva foi fundada em 28 de março de 1938. Edino Chies, que jogou na posição de goleiro em 1954, preserva um acervo fotográfico bem organizado do time.

FOTOS ARY PASTORI, DIVULGAÇÃO/PIONEIRO



Retratos



O Juventus entrou em campo com a vantagem do empate. No entanto, a equipe do Az de Ouro abriu o placar. Mas duas falhas do goleiro Noé permitiram a virada e a vitória do Juventus.

A festa que se iniciou no Estádio Jaconi prosseguiu na sede, que se localizava na Rua Marechal Floriano, na esquina da Rua Tronca. Os lusitanos, como eram conhecidos os associados e atletas do Juventus, comemoraram o título com muita alegria e cerveja.

O campeonato foi organizado pela Liga Caxiense de Futebol. O jornal Pioneiro noticiou o evento na edição do dia 11 de dezembro daquele ano.

No **clicEncontros** você pode encontrar o par perfeito, a outra metade, a peça que se ajusta ao seu coração. No site de relacionamentos do clicRBS, o flerte, a azaração, a pedrada, o namoro e a paquera estão liberados. Acesse, conheça, procure e se deixe encontrar.



www.clicRBS.com.br



Daniel Corrêa
daniel.correa@jornalpioneiro.com.br

A saga de uma jaguatirica

Se alguém passasse por uma certa rua do bairro Pio X, em Farroupilha, lá no meio da tarde de sábado da semana passada, e prestasse a atenção no que se passava na garagem de uma casa poderia tomar duas atitudes: ou ligar para a polícia ou para um manicômio. Mas se chegasse um pouco mais perto veria uma aula de alegria, aliás, o conceito mais simples da vida.

Por alguns minutos se ensaiou a esquete "A saga de uma jaguatirica", inspirada na história de um amigo da turma que foi iludido e humilhado de forma vil e traiçoeira por esse simpático animal silvestre. Encarnei o papel da jaguatirica — enquanto o jornalista e ator nas horas vagas André Paulo Costamilan assumiu às vezes do nosso amigo enganado pelo bichano —, e pude perceber a reação do seletor público.

No outro dia, ainda tentando me refazer do resultado dos malabarismos inerentes à performance de uma jaguatirica, fiquei lembrando as palavras de um amigo que há muito não vejo, que se perdeu em meio à aspreza do mundo. Ele dizia que de nada adiantarão as lembranças

ruins da vida, no final das contas serão as gargalhadas que ficarão ecoando na memória.

De nada adiantará pensar no frio no estômago com as notas vermelhas no boletim do colégio, o que ficará serão as estripulias pelos corredores. Pouco funciona pensar na namorada que se foi, o que ficará será a que ainda virá. Menos ainda terá resultado pensar nos erros que foram cometidos no passado, porque o que terá significado serão os acertos do futuro.

Enquanto rolava de outro lado para o outro, prestes a voltar ao meu imaginário habitat natural de jaguatirica do mato, lembrei desse meu amigo, que teria mais uma vez confirmada sua teoria se estivesse ali na platéia improvisada para assistir a uma grande brincadeira.

Quem dera ele pudesse estar ali entre marmanjões — alguns com mais de 30 anos — para comemorar o simples fato de poder estar gargalhando à vontade, impulsionando uma catarse coletiva. Estar rindo de si mesmo e dos outros, sem ninguém imaginar que isso possa ser algum tipo de afronta.



Paulo Ribeiro
paulo.ribeiro@jornalpioneiro.com.br

Impressões no banheiro

Isso não é tese, papo chato, apocalipse, é constatação. A rapaziada já não lê, pelo menos o que se convencionou ser "bom" pra eles. Estão noutra, tá sobrando o papel de quem lida com isso. Acontece que não se renovam os leitores e o negócio é ir se adaptando, se inserindo aos novos meios.

E como fazer, por exemplo, a passagem pra Internet sem remorso, numa boa? A essência, claro, é o texto. A partir daí, derivações. É permanecer ainda aqui de mate e cuia, mas já mandando pro online o que se puder: a experiência da vida toda dos bons tablóides e mesmo dos correioes. E baixar pra lá textos mais concisos, curtos, picotados, telegráficos como Oswald em 1922.

Nada se cria, tudo se vira — e vale no jornalismo onde este for. Cada um na sua, o negócio é fazer a escrita se adaptar. Não tem volta. É irreversível. Cada um que se ligue, recicle, não se mixe ao que está posto aí.

E é por isso que estou abrindo um blog a partir de janeiro, pondo a minha Vitrola a rodar. Vai ter na página, claro,

além da crônica que sai aqui, o que se pode dizer sem traumas, dor de consciência, patrulhas e tal. Vou vender a minha própria uva, por que não? É uva da terra. E vou lotar a tela com neve, passado, copos-de-leite que ganhei. Um quadro da Mel Moojen, por exemplo, o olhar de Nathalia Timberg quando corei. Coisas que não vêm pro Pioneiro (ah, não, é??) por serem pessoais.

No blog vou botar em linha as benzeduras do Raimundo Carrero ao ouvir o ronco de um avião. Uma palestra lida por um certo Contador Borges, sobre o Marquês de Sade, tem coisa pior? O papel do escritor é o A4, me disse há dias o Evandro Ferreira. Não é mais. Agora é também tela, mesmo que dê pra imprimir no quarto, no banheiro de hotel.

É essa migração que estou vivendo. E eu faço isso, sem traumas, afastando o pejorativo marqueteiro, que não nasci pra redoma e não quero fenecer. E nem ninguém próximo a mim. Por isso, Vitrola vai ter lugar para os alunos, colegas escritores, quantos quiserem dispor. Um espaço sem fim e sem custo pra gente se divertir.